

Amor Marginal

Adson Luan Duarte Vilasboas Seba¹

As mãos quentes e suadas deslizavam com ganância, exploravam locais até então desconhecidos para ambos. O corpo macio e volátil alternava sua textura na medida em que os fios grossos e rijos da barba aproximavam-se de suas axilas. Grãos de açúcar pareciam emergir de sua epiderme, o relevo no corpo esfoliava meus dedos ásperos e tímidos, a ponto de me fazer identificar cada folículo.

Ao contemplar os arrepios do rapaz, reproduzi-os mimeticamente. Os pelos que revestiam meu corpo ficaram estáticos, minha garganta secou de modo que nada podia falar, meu corpo em espasmos movimentava-se de forma desconexa e incoerente, o rapaz sorria. Apesar da penumbra, podia-se notar o fluxo sanguíneo alterado pela expansão de sua jugular, as pupilas castanhas e dilatadas de algum modo, como camaleões, alternaram para tons avermelhados, talvez fosse o reflexo do abajur acima de nossas cabeças. A expansão rítmica das pupilas acompanhava os batimentos cardíacos, apesar da jovialidade, ofegantes estávamos.

Seus lábios gelados foram lentamente energizados pelos meus, aos poucos, nossos corpos se estabilizaram em um único ritmo, uma única temperatura. Meus dedos, atraídos pelos seus traços bem desenhados, iniciaram uma trajetória caótica em torno de sua face, tateando seu maxilar quadrado, a branquitude de sua pele alvejava o quarto escuro, logo, a luz fraca do abajur não foi mais necessária.

Ao sondar seu rosto, notei o semblante apaixonado, sorria pelo canto da boca, talvez risse da minha tolice em observá-lo mais do que o normal. Aproximei-me de sua face a ponto de sentir sua respiração e, mesmo com dúvidas sobre o seu sorriso largo e misterioso, continuei a apreciá-lo com meus polegares, fazendo movimentos circulares nos seus lábios acetinados, não mais frios.

Seus cabelos lisos e macios graciosamente caíam sobre o rosto e vedavam seus olhos por alguns instantes, mesmo assim, não houve ruídos na sintonia de nossos olhares. O quarto abafado fazia com que nossos corpos nus suassem, o cheiro de nossos perfumes aos poucos se tornou um só, a olência era agradável, uniu o tom amadeirado que impregnava o meu corpo e o doce que banhava o seu, odorizando o recinto.

¹ Graduando em Licenciatura em Letras Português/ Inglês pela Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT. (adson312@gmail.com)

Fizera-me esquecer por alguns instantes as náuseas da vida, resgatou o moço jovem e amante que estava aprisionado num corpo amargurado de alguém com muitos anseios. Rebeldes, transgressores e audaciosos fomos, burlamos a monotonia predestinada de mais uma noite de sábado, traímos os lençóis e travesseiros cheios de ácaros, fieis companheiros nas noites solitárias.

Por infortúnio, o despertador tocou. O horário indicado não condizia com o esperado, abri as cortinas empoeiradas para checar a veracidade e assustei-me com a escuridão formada no quintal, era noite de novo. A lua minguante sorria de modo sarcástico, como se estivesse ciente de que me atrapalhara. A verdade é que quando se sente algo da magnitude do que eu senti, o tempo é o que menos importa.

Recolhemos as roupas espalhadas no chão e organizamos os lençóis embebidos de nossa essência. Alinhamos a cama, palco do memorável acontecimento e tomamos as mãos um do outro em direção ao portão. As veias saltadas nos braços provavam o quão forte nossas mãos estavam unidas. As pupilas, já não mais dilatadas, entristeciam os olhares, agora castanhos, dos aventureiros em despedida.

Era preciso ir, o telefone tocava sem parar, a família deveria estar preocupada. Em casa, deixou somente um aviso pregado na geladeira, disse que depois da aula iria para uma festa na casa da Rafaela, a responsável por me apresentá-lo. A despedida foi singela e incerta, um abraço silencioso e apertado selou o fim de nossa tertúlia, porém, há aqueles que acreditam que o silêncio significa de um tanto! Eu sou um deles.

Não sabia se isso poderia acontecer novamente, talvez fosse melhor esquecer. Portanto, sucumbi todas as sentenças incoerentes que gostaria de proferir, e observei o corpo esguio e tímido desaparecer na penumbra das ruelas cacerenses, enquanto gritava por dentro para que ficasse.

Recebido em: 06/12/2016. Aceito em: 25/01/2017.